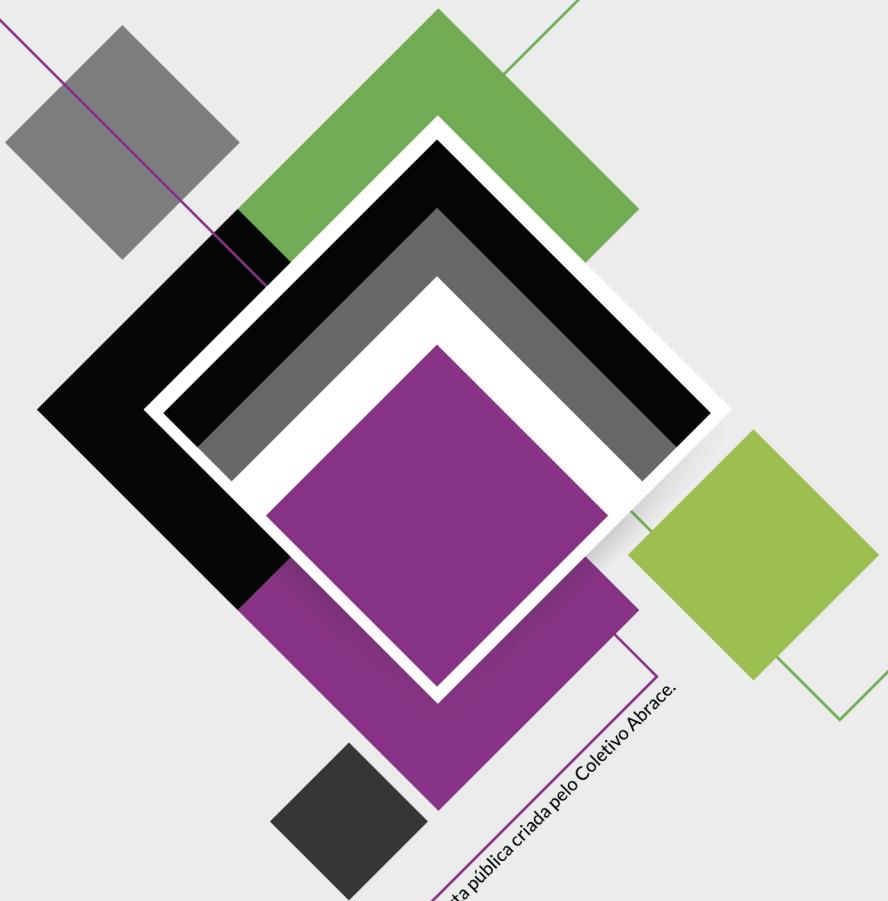


# VISIBILIDADE ASSEXUAL



Inspirado na carta pública criada pelo Coletivo Abrace.

Este material foi desenvolvido para visibilidade assexual e é de livre reprodução. Foi baseado na carta pública à sociedade e ao movimento LGBTQIAPN+ publicada pelo coletivo.

COLETIVO  ABRACE

## O QUE É ASSEXUALIDADE?

Preferimos definir as assexualidades como a **ausência total, parcial, condicional ou circunstancial** de atração sexual, toda identidade em que o **sexo não é o referencial primário** do desejo e da atração voltados para um relacionamento íntimo por outra pessoa.

**Uma pessoa assexual não é uma pessoa “assexuada”, bem como não dizemos, de uma pessoa heterosexual, que ela é “heterossexuada”.**

Nesse sentido, qualquer pessoa que não se identifique com o espectro da assexualidade passará ser chamado de **“alossexual”**, termo criado pela comunidade assexual.

\*O prefixo “alo”, vem do grego antigo “állos” - ἄλλος -, que significa “outro”). O prefixo foi escolhido pela comunidade assexual para designar aqueles que não se identificam com o espectro assexual, que têm como definição o interesse sexual prioritário pelo relacionamento íntimo com outra pessoa, em oposição à assexualidade.

Discutir e defender a assexualidade traz benefícios tanto para assexuais quanto para alossexuais. Respeitar a assexualidade é garantir aos assexuais a validação e o respeito de suas experiências.

Os assexuais sempre fizeram parte dos grupos de diversidade sexual, apesar de o termo “assexual” ter sido difundido apenas recentemente na internet, o estudo da história da sexualidade deixa claro que sempre existiram assexuais entre as pessoas que compõem os grupos de diversidade sexual.

Os assexuais, como todos os membros da comunidade LGBTQIAPN+, sofrem violências e preconceitos que merecem ser discutidos, denunciados e enfrentados.

A primeira delas é a invalidação de suas experiências. Os assexuais, com muita frequência, têm suas vivências subestimadas, consideradas infantis, por não seguirem os moldes normativos sexuais, como se pessoas que não praticam atos sexuais não atingissem a maturidade esperada.

No entanto, nós, assexuais, ansiamos pela visibilidade de nossas lutas e pelo respeito às nossas vivências, para que tenhamos acesso a atendimentos coerentes, relações respeitosas e participação social sem constrangimento.



Sempre que falamos em “assexualidade”, falamos em “atração”. Os assexuais podem ter relações sexuais ou não, podem sentir mais ou menos prazer nas atividades性uais.

O que diferencia assexuais e alossexuais não é a prática de tais atividades, mas a forma como cada um dos grupos sente atração.

Sendo assim, assexuais podem ser estritos ou estarem na chamada escala cinza da assexualidade.

Como exemplo os demissexuais, gray-a e assexuais fluidos estão nessa escala cinza.

## AS CORES DA BANDEIRA ASSEXUAL



A faixa preta representa os assexuais estritos, ou seja, que não sentem atração sexual.

A faixa branca representa a posição da assexualidade em relação ao sexo.

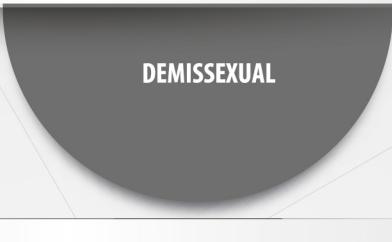
\*Esta faixa era representada por aliados allos da causa assexual, no entanto defendemos a resignificação para a posição da assexualidade em relação às práticas sexuais  
(Sexo-favorável, neutro e repulsivo)

A faixa cinza representa os assexuais que estão na escala cinza da assexualidade, que podem sentir atração sexual de forma parcial, condicional ou circunstancial.

Representa toda a comunidade assexual

## ESCALA CINZA DA ASSEXUALIDADE (Principais)

Demissexual é a pessoa em que a atração sexual pode se manifestar após o desenvolvimento de uma conexão.



DEMISSEXUAL

Gray-a (Também identificado como grayssexual, grey-assexual, cincassexual e grissexual) é a pessoa em que a atração sexual pode existir de forma rara ou em baixa frequência.

GRAY-A

Assexualidade fluida é uma identidade sexual que passeia pelas identidades assexuais ocasionalmente.

ASSEXUAL FLUIDO

Os asssexuais também são constantemente **patologizados**. Patologizar a assexualidade é entender e defender que a ausência ou o baixo nível de atração sexual é algo que deve ser curado.

Com frequência, nós, asssexuais, temos nossas experiências e identidades lidas como doenças e invalidadas por médicos, psicólogos e terapeutas.

Sofremos com constantes ameaças ou conselhos, provenientes não apenas de profissionais da saúde, mas também de amigos e familiares, para que recorramos à hormonização, à utilização de medicamentos e terapias para que experimentemos a experiência lida socialmente como normal.



Nesse contexto, que nos impele à prática sexual como regra, há a ameaça do **estupro corretivo**, sofrida por tantos asssexuais, praticada pelos próprios parceiros ou pessoas que se julgam capazes de “curar” essa “doença”, como se ser asssexual fosse uma questão de ter relações com o “salvador” “correto”. Essa ameaça e sua concretização são calados socialmente, seja pelas pessoas em geral, que esperam que as outras pratiquem sexo, quanto pelos próprios asssexuais, que se culpam e se frustram por não corresponderem a essas expectativas impostas.



Por fim, a assexualidade dificilmente recebe visibilidade. Quase não há representação acolhedora da assexualidade na mídia. A pouca que existe, em geral, é problemática e feita com pouca consciência, reproduzindo estigmas e preconceitos. Entre os mais comuns, estão os de que assexuais são incapazes de amar ou que são pessoas frias, sem sentimentos, robóticas ou alienígenas, completamente desumanizadas.

É com a consciência de todas essas lutas que surge o Coletivo AbrAce. Somos um grupo de amigos que têm em comum o fato de sermos assexuais e o desejo de defender e visibilizar questões e vivências da assexualidade.

Buscamos, com o Coletivo, servir como uma voz unida e pública, participando e somando em discussões e debates sobre diversidade. A compreensão da assexualidade por todos só tem a acrescentar em nosso mundo, trazendo mais mecanismos para compreender as formas que nos relacionamos e nos conectamos com outras pessoas.

Coletivo AbrAce